

Cem Anos de Solidão: a Educação a Distância no Brasil – Percepções Negativas Antes e Depois da Pandemia

One Hundred Years of Solitude: Distance Education in Brazil – Negative Perceptions Before and After the Pandemic

Leonardo G. VIANA^{1*}

Milton N. CAMPOS²

Ibis M. Álvarez³

Fabiane PROBA⁴

Vittorio LO BIANCO¹

¹ Fundação Cecierj. Praça Cristiano Ottoni, s/nº, 6º andar, Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro - Av. Pasteur, 250, Praia Vermelha - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

³ Universitat Autònoma Barcelona. Carrer de La Fortuna, s/nº - Bellaterra - Barcelona, Espanha.

⁴ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Av. Erasmo Braga, nº 118, 6º andar, Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

*lviana@cecierj.edu.br

Resumo. Com o centenário da educação a distância (EAD) no Brasil, completado em 2023, o artigo traz estudo exploratório descritivo de comparação das representações sociais negativas sobre a modalidade de ensino antes e depois da pandemia do coronavírus (2019 e 2023). O objetivo é refletir sobre a formação de um aparente preconceito em relação à EAD no país - de origem histórica, econômica e sociocultural - a partir da presente pesquisa do campo psicossocial, realizada com 1.000 candidatos do Vestibular Cederj – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, nos referidos anos. A obra “Cem anos de solidão” de García Márquez inspira analogia sobre o “isolamento” da EAD, pelo pouco reconhecimento que parece ter marcado seus cem anos de existência. O percentual de participantes que apresentaram percepções negativas relacionadas à EAD esteve praticamente sem alteração nos períodos pré e pós-pandemia (42% em 2019 e 43% em 2023). Os dados foram coletados pela técnica de evocação de palavras inspirada em Abric, por meio de indagações ao ego (eu) e ao alter (outro). Amparados pela abordagem teórico-metodológica das Ágoras de Viana, analisamos os resultados com destaque para o fato de que as avaliações negativas sobressaíram significativamente em ambos os anos quando os pesquisados foram indagados a partir do alter e não do ego. O fato evidenciou que a construção do

pensamento do indivíduo, influenciada pela sua condição de ser social, é fator preponderante para a formação das Ágoras: agrupamentos por afinidades de representações sociais.

Palavras-chave: Educação a Distância. Representações Sociais. Preconceito. Pandemia do Coronavírus. Ágoras.

Abstract. With the centenary of distance education (EAD) in Brazil, completed in 2023, the article presents an exploratory descriptive study comparing negative social representations about the teaching modality before and after the coronavirus pandemic (2019 and 2023). The objective is to reflect on the formation of an apparent prejudice in relation to EAD in the country - of historical, economic and sociocultural origin - based on this research in the psychosocial field, carried out with 1,000 candidates from the Vestibular Cederj – Distance Higher Education Center in the State of Rio de Janeiro, in those years. The work “One Hundred Years of Solitude” by García Márquez inspires an analogy about the “isolation” of EAD, due to the little recognition that seems to have marked its one hundred years of existence. The percentage of participants who presented negative perceptions related to EAD was practically unchanged in the pre- and post-pandemic periods (42% in 2019 and 43% in 2023). The data were collected using the word evocation technique inspired by Abric, through questions to the ego (self) and the alter (other). Supported by the theoretical-methodological approach of Ágoras from Viana, we analyzed the results with emphasis on the fact that negative evaluations stood out significantly in both years when those surveyed were asked from the alter and not the ego. The fact showed that the construction of the individual's thought, influenced by their condition of social being, is a preponderant factor in the formation of Ágoras: groupings based on affinities of social representations.

Keywords: Distance education. Social representations. Prejudice. Coronavirus pandemic. Ágoras.

1 Introdução

Este artigo é um estudo exploratório descritivo orientado a comparar as representações sociais negativas sobre a educação a distância (EAD) no Brasil antes e depois da pandemia do coronavírus, nos anos de 2019 e 2023 respectivamente. O objetivo é refletir sobre o cenário de aparente preconceito à modalidade de ensino em questão - como consequência histórica, social e cultural - ao explorar ideias e pensamentos pela análise do objeto de estudo (EAD), a partir de pesquisa empírica em Psicossociologia, com 1.000 pessoas aspirantes a vagas de graduações a distância do Cederj nos anos de 2019 e 2023.

A analogia do título do artigo com a obra de Gabriel García Márquez, “Cem anos de solidão”, faz referência ao “isolamento” por que passa a EAD no país – motivado, entre outros aspectos, por evidências do seu pouco reconhecimento – mesmo ao completar cem anos de existência. Iniciamos

o artigo com conceituação sobre EAD, ensino online e ensino remoto; e tecemos considerações a respeito de possíveis causas para o preconceito que recai sobre a modalidade de ensino a distância.

Na sequência, apresentamos os fundamentos da pesquisa com a teoria das Ágoras de Viana (2020), os alicerces teórico-metodológicos que a compõe e sua dinâmica de formação de grupos por afinidades de representações sociais (MOSCOVICI, 2001). Em seguida, introduzimos a metodologia do estudo, de natureza exploratório-descritiva com método de observação quantitativa e qualitativa. Como procedimento de coleta de dados, adotamos as Ágoras (VIANA, 2020), que faz uso da TALP – Teste de Associação Livre de Palavras, com perguntas-estímulo feitas ao ego (eu – o que eu acho sobre a EAD?) e ao alter (outro – o que eu acho que o outro pensa sobre a EAD?), inspiradas na abordagem prototípica de Abric (1994).

Proseguimos com a apresentação dos resultados que apontaram maior expressividade de representações sociais negativas em perguntas dirigidas ao alter: 42% dos participantes em 2019 e 43% em 2023, demonstrando praticamente não ter havido, em linhas gerais, alteração de percepções sobre a EAD no pré e pós-pandemia. Entre as palavras/expressões mais citadas estão “ruim, sem credibilidade e dificuldade”, evidenciando o preconceito, cujas motivações supostas são exploradas no texto em reflexões situadas em contexto histórico, econômico e sociocultural. Já nas perguntas ao ego, a negatividade não sobressaiu: apenas 1,6% (2019) e 2,2% (2023).

A análise e interpretação dos resultados foi amparada pela teoria das Ágoras (VIANA, 2020), que leva em conta a indissociabilidade do ser individual e do ser social na construção do pensamento humano, fator determinante para a formação dos grupos por afinidades de imagens mentais de mundo, influenciadas pela cultura, moralidade, histórias de vida etc, coconstruídas nas trocas por meio de configurações de sentido, em contribuições de Campos (2017).

2 Contexto geral da pesquisa

2.1 Ensino a distância, ensino online e ensino remoto

Quando se busca promover o processo de ensino-aprendizagem em local diferente do ambiente físico, utilizando tecnologias apropriadas que permitem a troca de conteúdos, pode-se caracterizá-lo como educação a distância – EAD (MOORE; KEARSLEY, 2010).

Existem equívocos no Brasil entre o que é educação a distância, educação online e ensino remoto (NOLASCO-SILVA e LO BIANCO, 2022). A EAD é geralmente mais instrucional, com docentes orientando os estudos e esclarecendo dúvidas dos conteúdos, afirmam os autores (2022). Os alunos

realizam suas tarefas de forma individualizada e prestam contas das atividades, podendo haver limitação de interações entre estudantes e professores; sendo estes últimos os administradores da agenda do sistema (NOLASCO-SILVA e LO BIANCO, 2022).

Diferentemente, a educação online valoriza a comunicação interativa e a produção colaborativa em rede, explorando os potenciais da cibercultura como campo de construção de conhecimento (SANTOS, 2019). Segundo a autora, a cibercultura – nossa cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais – têm a educação online como fenômeno. Nela, verifica-se a comunicação “todos-todos”, pela criação e disputa de sentidos, além da produção de conteúdos e processos de subjetivação em rede. Na educação online, a forma se torna conteúdo, explorando as possibilidades hipermidiáticas do ambiente digital (SANTOS, 2019).

Já o ensino remoto pode apresentar limitações embora tenha proporcionado encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares durante o isolamento social na pandemia do coronavírus, vivenciada mundialmente com maior impacto em 2020/2021 (NOLASCO-SILVA e LO BIANCO, 2022). Neste contexto, observou-se a utilização significativa do ensino remoto emergencial. Santos (2019) comenta que o ensino remoto é caracterizado por uma comunicação com data marcada, em que disciplinas são acopladas em agendas e sua prática comumente repete modelos massivos que subutilizam os potenciais da cibercultura na educação. Esse cenário pode levar ao tédio, desânimo e exaustão física e mental tanto para professores quanto para alunos (SANTOS, 2019).

2.2 EAD e preconceito

Pontuar as distinções entre educação a distância, educação online e ensino remoto traz luz às reflexões sobre as origens do aparente preconceito à modalidade, com raízes, por vezes, nas sutilezas da confusão entre as referidas formas de educação e/ou no mau uso delas. Como observamos, o ensino a distância não é simplesmente uma transição do ensino presencial para o remoto. Trabalhar e aprender no contexto a distância requer adaptação profissional própria da modalidade, um trabalho especializado da maior importância (NOLASCO-SILVA e LO BIANCO, 2022).

A educação a distância está intimamente ligada à evolução tecnológica, avanço este que popularizou o ensino, mas que também foi alvo de críticas por desvirtuar as qualidades próprias da EAD e tentar padronizá-la nos moldes de produção em massa, tal como o ensino remoto (MASCHERINI, 2020). É vasta a literatura a respeito dos preconceitos que recaem sobre a modalidade a distância em dimensões variadas (BELLONI, 1999; GOMES, 2008; VIANA, 2020). Elencamos alguns dos argumentos: (1) Regulação insatisfatória: prioridade ao lucro em detrimento

da qualidade acadêmica (BIELSCHOWSKY, 2018); (2) Qualidade – a preparação de cursos a distância frequentemente ocorre por conversões amadoras de cursos presenciais para o formato virtual (BRAUER, 2008); (3) Descentralização do ensino – contrapõe o modelo tradicional de ensino, em que a figura do professor deixa de ser o centro e o foco passa a ser o aluno; (4) Cursos para público de baixa renda – a modalidade a distância foi inicialmente adotada em cursos considerados de baixo valor acadêmico como costura, mecânica etc, para atender às necessidades da sociedade (MOORE, 2007); (5) caráter de “segunda chance” – para pessoas que não puderam terminar os estudos dentro do tempo “esperado”.

2.3 Cem anos de solidão: a EAD no Brasil

No ano de 2023 em que a educação a distância completou cem anos no Brasil, o título deste artigo parafraseia a obra de Gabriel García Márquez, o clássico “Cem Anos de Solidão”, que conta a história de gerações de uma família que vivem em Macondo, um lugar afastado de tudo e de todos, situado entre as montanhas e o pântano. Em analogia, a EAD no Brasil parece Macondo, isolada entre a academia e o mercado de trabalho, em realidade digital no qual a socialização existe amparada pela tecnologia. Mas esta socialização mostra-se pouco eficiente na tarefa de atrair e engajar o ser humano a ponto de despertá-los para o desejo de estarem ali reunidos no ambiente virtual de aprendizagem de forma efetiva e prazerosa (PROBA, 2020).

García Márquez conta no livro que os acontecimentos se passam em época tão remota que a maioria das coisas nem tinha nome. Comparativamente, será que vivenciamos ainda hoje no Brasil uma dificuldade em nomear ou representar a EAD? Parece que falta um lugar legitimado a esta modalidade de ensino, mesmo após cem anos de existência, abrindo caminho para preconceitos. Com base nesta questão central, discutimos a pesquisa deste artigo de comparação entre as representações sociais negativas em relação à EAD antes e depois da pandemia.

3 Fundamentos da pesquisa

3.1 Fundamentos das Ágoras

A teoria das Ágoras de Viana (2020), que orienta esta pesquisa para coleta e análise dos dados, baseia-se nos seguintes fundamentos teórico-metodológicos: representações sociais de Moscovici (2001), dialogicidade de Marková (2003), abordagem prototípica e utilização da TALP –

Teste de Associação Livre de Palavras de Abric (1994), ecologia dos sentidos de Campos (2017) e lógica natural de Grize (1994).

A teoria das representações sociais (TRS), proposta inicialmente por Moscovici (2001), considera que as percepções sobre um objeto são fenômenos naturais e sociais, influenciadas por cultura, tradição e linguagem, viabilizadas pelo pensamento humano e estreitamente ligadas ao "senso comum" (MOSCOVOCI, 2001). Para Marková (2003), a mente humana é capaz de processar e comunicar o diálogo entre ego (eu), alter (outro) e objeto, criando assim realidades sociais. A autora (2003) considera esta estrutura de dialogicidade como unidade básica da teoria do conhecimento social.

Diferenciando-se de abordagens qualitativas por que geralmente se caracteriza o campo das ciências sociais – com técnicas como entrevistas, anotações de campo e observação participativa – a análise prototípica das representações sociais parte da premissa de que é possível a abordagem matematizada através de técnicas como a TALP (Teste de Associação Livre de Palavras), fornecendo ao pesquisado uma pergunta-estímulo para trazer à tona suas representações pela evocação de palavras (ABRIC, 1994). Esta perspectiva é enfoque metodológico para captura de dados das representações sociais na teoria das Ágoras (VIANA, 2020), inspirada neste modelo matemático, psicométrico e contábil da TALP.

Também fundamenta as Ágoras (2020) a teoria de Campos (2017): ecologia dos sentidos. O autor (2017) propõe uma compreensão diferenciada da construção de imagens de mundo de sujeitos, grupos ou sociedade. Estas seriam criadas e cocriadas, além de constantemente ressignificadas em processos dinâmicos de trocas, produzindo configurações de sentidos em meio ambiente natural e social, pelas “camadas” do sujeito representadas pelas estruturas cognitivas e afetivas; suas consciências, vontades e moralidades; e condições materiais de existência (CAMPOS, 2017).

Por fim, as representações propostas por Grize (1994) amparam a formação das Ágoras com base em cinco postulados básicos: (1) dialogismo que reconhece a interação entre os sujeitos como essencial na construção das representações; (2) situação da interlocução que considera o contexto e as condições em que ocorre a comunicação como determinantes na produção de sentido; (3) representação que envolve a construção mental de uma imagem ou conceito a partir da interação social; (4) pré-construídos culturais como os conhecimentos compartilhados e pré-existentes na cultura que influenciam as representações; e (5) construção dos objetos que se refere ao processo

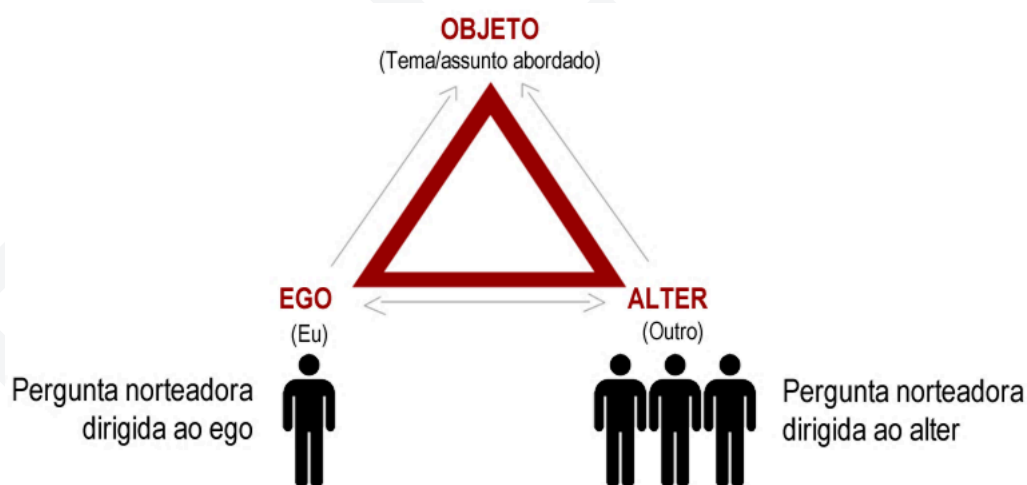
de atribuição de significado a estes e a fenômenos por meio da interação e do diálogo entre os sujeitos.

3.2 Teoria das Ágoras

As Ágoras são grupos de pessoas que possuem imagens mentais semelhantes de si mesmas (que têm a ver com o ego) e/ou semelhantes em relação ao outro (que se referem ao alter). Os agrupamentos emergem de maneira orgânica por afinidade de representações sociais, que refletem as percepções e compreensões coletivas sobre determinado aspecto da realidade (VIANA, 2020). Segundo a perspectiva das Ágoras (2020), é por meio da interação com os outros que construímos nossa própria identidade e compreendemos o mundo em que vivemos.

Para compreensão ampliada do sujeito e sua lógica em sociedade amparada pela teoria de Viana (2020), uma pergunta-estímulo/norteadora em relação a um objeto é direcionada ao ego e ao alter. Veja ilustração a seguir (Figura 1) desta dinâmica metodológica de formação das Ágoras¹:

Figura 1 – Dinâmica metodológica da teoria das Ágoras para formação dos grupos por afinidades de representações sociais (Ágoras)



Fonte: Viana (2020)

4 Metodologia

4.1 Método

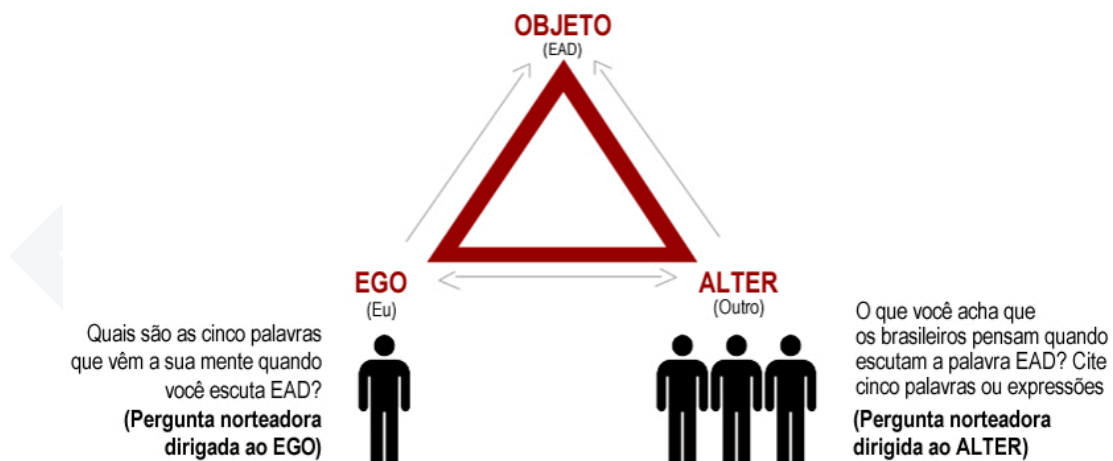
¹ A aplicação teórico-metodológica das Ágoras já foi utilizada por Viana (2020) em outra investigação com universo de mais de 42 mil pessoas.

A presente pesquisa é de natureza exploratório-descritiva, com método de observação quantitativa e qualitativa, de variáveis não-controladas, sem interferência do pesquisador (SÁNCHEZ GAMBOA, 2010). Segundo o autor, pelo método, desbrava-se ideias e pensamentos para a caracterização de fenômenos e situações pela análise do objeto de estudo (EAD no nosso caso), com base em hipóteses ou intuições normalmente construídas sobre uma comparação. Nossa intuição se refere ao preconceito à modalidade de ensino no Brasil - como realidade de origem histórica, econômica, social e cultural - na comparação entre dois grupos de pesquisados, em 2019 e em 2023.

4.2 Instrumento de coleta de dados

As perguntas norteadoras para a formação das Ágoras (Viana, 2020) na pesquisa são inspiradas na técnica de evocação de palavras (TALP) utilizada por Abric (1994), conforme abordado no item 3.1 Fundamentos das Ágoras, e foram dirigidas tanto ao ego (eu) quanto ao alter (outro), a respeito do tema/objeto: EAD. Veja na Figura II a seguir as perguntas norteadoras na aplicação metodológica de coleta de dados da teoria das Ágoras na pesquisa:

Figura II – Aplicação da teoria das Ágoras



Fonte: Viana (2020)

A perspectiva do ego considera o sujeito como ponto de partida para imagem mental de si próprio sobre o objeto, já a perspectiva do alter igualmente parte do sujeito, porém para imagem mental do que ele projeta no outro a respeito do objeto. Ambas as possibilidades coexistem no mesmo espaço cognitivo, afetivo e moral do sujeito (CAMPOS, 2017).

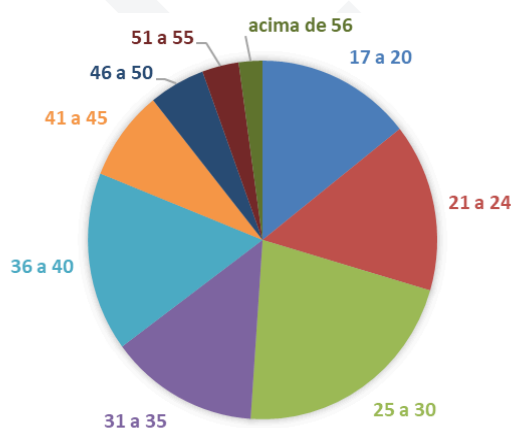
Em parceria com o Cederj – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, a coleta de dados foi realizada por meio de questionário socioeconômico e demográfico aplicado na inscrição online das edições de 2019 e 2023 do Vestibular Cederj. Aos aspirantes a uma vaga nestas seleções foi solicitado preencher identificações pessoais como sexo, idade, escolaridade e informações socioeconômicas. Na sequência, as duas perguntas-estímulo/norteadoras (dirigidas ao ego e ao alter) foram feitas aos participantes para captar dados sobre as representações sociais pela teoria das Ágoras (VIANA, 2020)².

4.3 Estratégia de amostragem de sujeitos

A pesquisa foi realizada com 1.000 candidatos ao Vestibular Cederj em 2019 e 2023, sendo 500 em cada ano. Fizeram parte do estudo os 500 primeiros inscritos - por edição - considerados válidos (sem problemas de preenchimento no cadastro) e que se dispuseram a responder à pesquisa, já que a participação não era obrigatória.

Entre todos os pesquisados, nos dois anos, a predominância de faixa etária foi entre 21 e 40 anos conforme o Gráfico I que se segue:

Gráfico I – Faixa etária dos pesquisados



Em relação à localização, os participantes são residentes do estado do Rio de Janeiro, com maioria concentrada na região metropolitana.

5 Resultados

² O tratamento dos dados foi feito pelo software Agora System, criado pelo autor especialmente para estudo das Ágoras, e pode ser acessado em www.agoratheory.com.

Neste estudo sobre as representações sociais da educação a distância antes e depois da pandemia, vale lembrar que nos concentramos exclusivamente sobre as representações negativas à EAD que emergiram da pesquisa, conforme pode ser observado na apresentação dos resultados no item que se segue (5.1) e na análise e interpretação dos mesmos (5.2); tendo como pano de fundo o preconceito sobre a modalidade de ensino, já abordado no item 2.2 EAD e preconceito, e retomado para discussões nesta seção.

5.1 Apresentação dos resultados

Os resultados apontam para porcentagem significativa de representações negativas sobre o objeto EAD quando a pergunta foi dirigida ao alter, tanto em 2019 quanto em 2023, sendo 42% e 43%, respectivamente, de pessoas com percepções negativas. Já na indagação ao ego, nos dois anos, a porcentagem de participantes com avaliações negativas sobre a modalidade de ensino apresentou redução expressiva: apenas 1,6% (2019) e 2,2% (2023).

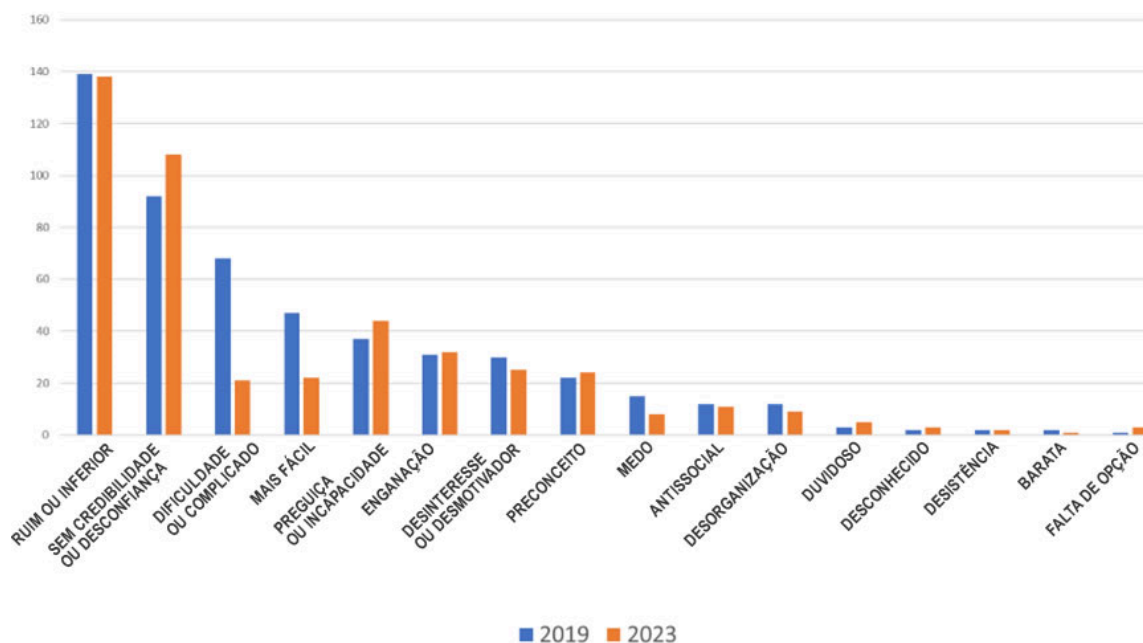
Destacamos no Tabela I a seguir os números de pessoas e respectivas porcentagens a partir do universo estudado (500 respondentes – 2019 e 500 respondentes – 2023), referentes às representações negativas sobre o objeto em perguntas dirigidas ao ego e ao alter:

Tabela I – Representações sociais negativas sobre a EAD no ego e no alter

Representações sociais negativas sobre a EAD no ego e alter		
Ano 2019 - 500 participantes	Resultados da pergunta dirigida ao ego	6 pessoas (1,6%) classificaram a EAD negativamente, com 4 palavras.
	Resultados da pergunta dirigida ao alter	210 pessoas (42%) classificaram a EAD negativamente, com 548 palavras
Ano 2023 - 500 participantes	Resultados da pergunta dirigida ao ego	11 pessoas (2,2%) classificaram a EAD negativamente, com 22 palavras.
	Resultados da pergunta dirigida ao alter	215 pessoas (43%) classificaram a EAD negativamente, com 541 palavras.

Na sequência, observe o Gráfico II, comparativo de 2019 e 2023, que apresenta as palavras negativas mais citadas como respostas à pergunta norteadora dirigida ao alter, em que a incidência de percepções negativas foi maior do que quando dirigida ao ego (VIANA, 2020):

Gráfico II – Palavras/expressões negativas mais citadas sobre a EAD na pergunta dirigida ao alter em 2019 e 2023



Por fim, apresentamos no Quadro I as palavras mais mencionadas pelos participantes da pesquisa que se posicionaram negativamente na pergunta dirigida ao ego, que representa menor parcela dos pesquisados como vimos:

Quadro I – Palavras/expressões negativas mais citadas sobre a EAD na pergunta dirigida ao ego em 2019 e 2023

Palavras/expressões negativas mais citadas sobre a EAD na pergunta dirigida ao ego em 2019 e 2023		
Ano 2019	Resultados da pergunta dirigida ao ego	sozinho, dúvidas, poucos recursos, baixo desenvolvimento no aprendizado

<p>Ano 2023</p>	<p>Resultados da pergunta dirigida ao ego</p>	<p>fácil, medo, falta de contato físico, preocupado, estressado, triste, desintegração, estático, será que funciona?, como são feitas as avaliações? contato com os colegas, professores dedicados?, cansativo, falta de interação, cansaço, ansiedade, monótono</p>
------------------------	---	--

5.2 Análise e interpretação dos resultados

5.2.1 A formação das Ágoras

Neste estudo exploratório descritivo sobre as representações sociais negativas em relação ao ensino a distância em períodos pré e pós-pandemia, observamos que as percepções do ego não foram acentuadas para a negatividade à EAD, enquanto as do alter se destacaram neste ponto tanto em 2019 quanto em 2023. Amparados pela teoria de Viana (2020), obtivemos o que podemos chamar de Ágoras com representações negativas: uma estimulada pelas percepções do ego (o que eu acho sobre a EAD) e outra pelas do alter (o que eu acho que o outro pensa sobre a EAD)

A negatividade incidiu mais quando os participantes pensaram no que o outro (alter) acha sobre a EAD – 425 do universo de 1.000 pessoas – do que quando refletiram sobre seus próprios julgamentos (ego) – 17 pessoas de 1.000. Por que será que isso ocorreu na nossa investigação? Podemos supor que as pessoas gostam e se sentem satisfeitas com a modalidade a distância, mas quando requisitadas a captar o pensamento geral coletivo, tenham sido envoltas por atmosfera de preconceito. Como refletimos no item 2.2 EAD e preconceito, a origem para esta forma de pensar tem influências da história da educação no Brasil e do surgimento da própria EAD, como nos seguintes aspectos: a modalidade de ensino se iniciou para atender população de baixa renda, recebendo por isso ares de segunda chance; teve que competir com o já estabelecido modelo tradicional de ensino presencial; e a regulação pouco atuante contribuiu para a existência de cursos de qualidade duvidosa.

Em conexão com Viana (2020), o pensamento humano é invariavelmente influenciado pela sociedade em que se insere. Os participantes da pesquisa são, portanto, fruto do meio ambiente natural e social, já que suas vivências, histórias de vida, locais onde vivem, estudam, trabalham etc são determinantes para a composição de suas imagens de mundo que, quando socializadas, produzem configurações de sentidos (CAMPOS, 2017). Nestas reflexões podem estar o motivo do que foi constatado: a Ágora formada por representações negativas a partir do alter é composta por

mais pessoas do que aquelas formadas a partir do ego. As representações sociais que na nossa pesquisa resultaram nos agrupamentos entre os pesquisados - as Ágoras (VIANA, 2020) - são um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana durante as interações interpessoais, de acordo com Moscovici (2000). Conectamos, assim, a consideração de que as trocas entre os indivíduos, próprias do convívio social, moldam seus pensamentos.

Em prosseguimento à análise dos resultados, mantiveram-se quase na mesma proporção o percentual das pessoas que avaliaram negativamente a EAD nos dois anos, tanto nas perguntas dirigidas ao alter (42% em 2019 e 43% em 2023), quanto naquelas dirigidas ao ego (1,6% em 2019 e 2,2% em 2023). Os números de palavras citadas para expressar a negatividade em ambos os anos foram também bastante próximos: 548 e 541 respectivamente (Tabela I). Cabe lembrar que cada participante podia citar até cinco palavras.

Os anos em que a pesquisa foi realizada se inserem em contextos histórico-mundiais marcadamente diferentes, pois estão situados em momentos antes e depois da pandemia do coronavírus. A incidência de palavras negativas ser tão semelhante em ambos os anos (nas perguntas ao alter, quando as avaliações negativas sobressaíram) pode sugerir que a situação pandêmica, apesar de ter difundido a modalidade de ensino em questão e a tornado mais conhecida e utilizada, não foi capaz de suavizar o julgamento negativo sobre ela. Pelo contrário, as críticas se mantiveram igualmente firmes em termos de número de pessoas e de palavras mencionadas.

Os resultados apresentados nos leva a retomar o paralelo que estabelecemos – e que inclusive dá nome a este artigo – relacionando os cem anos da EAD no Brasil, completados em 2023, com os cem anos de existência do vilarejo da obra literária de García Márquez. Tanto na ficção quanto na realidade, nem a passagem de um século foi capaz de atenuar o “isolamento” refletido na aparente falta de legitimação que enraíza preconceitos, a respeito dos quais dissertamos mais conexões nos itens a seguir.

5.2.2 Representações sociais negativas a partir do alter

Como resultado das representações negativas da pesquisa direcionada ao alter (caso com maior incidência de percepções negativas: oriundas de 425 pessoas do total de 1.000 pesquisados), verificamos que, em 2019 e 2023, os julgamentos à EAD como “ruim ou inferior” estiveram na mesma proporção, como mostra o Gráfico II; o que corrobora com nosso comentário anterior de

que a vivência da pandemia parece não ter atenuado os olhares desfavoráveis à educação a distância.

De 2019 para quatro anos depois, subiu a quantidade de pessoas que considera o ensino a distância sem credibilidade ou o percebem com desconfiança, também de acordo com o Gráfico II. Tal fato pode estar relacionado à disparada de utilização da EAD durante o enfrentamento ao coronavírus, no sentido de que a população se viu numa situação de ser a modalidade a única forma ou pelo menos a mais viável de se instruir e estudar. Com isso, um verdadeiro “boom” de cursos que se diziam a distância surgiram como adaptações ao ensino presencial.

O despreparo de instituições e a urgência da situação, fizeram com que a qualidade da educação não-presencial estivesse a desejar. Como comentamos no item 2.1, o crescimento que se verificou no período pandêmico foi da utilização de um ensino remoto emergencial. Foi recorrente à época tomá-lo como representação da modalidade a distância, mas o ensino remoto não incorpora práticas e especificidades da educação a distância, que pressupõem concepções pedagógicas e organizacionais específicas. Por isso, nem toda atividade curricular mediada por tecnologias de encontro pode ser classificada como EAD (NOLASCO-SILVA, LO BIANCO, 2022). Assim, a modalidade educacional classificada como remota pode ser desfavorável a discentes e docentes, complementa Santos (2019). Tais observações podem representar razões para os resultados da pesquisa de percepções negativas contra a EAD.

Em acréscimo a fatores que podem contribuir para olhares negativos sobre a modalidade, retomamos também como argumento possível um dos pontos destacados no item 2.2 EAD e preconceito, a respeito da prática de uma regulação insatisfatória, que prioriza o lucro em detrimento da qualidade acadêmica (BIELSCHOWSKY, 2018). Barros e Alencar (2021) consideram lamentável que setores empresariais tenham precarizado o sistema de ensino por meio de políticas neoliberais, utilizando a pandemia como justificativa para aumentar lucros, período em que se acentuou a falta de planejamento didático adequado à educação a distância.

A literatura aborda que quando realizada de forma séria e correta, os números da educação a distância são bem próximos daqueles do ensino presencial em termos de qualidade (SILVA, 2010). Isto reforça a importância da instituição na oferta de seu conteúdo adaptado, além da regulação e fiscalização por parte de órgão competente (BIELSCHOWSKY, 2018). Mas mesmo instituições que desenvolvem ensino a distância de qualidade precisam transpor a barreira simbólica de uma imagem negativa que cresceu, se enraizou e se perpetuou com o tempo, reforça o autor (2018).

Ainda sobre as interpretações das palavras que formaram os agrupamentos de representações negativas a partir do alter (com resultado mais expressivo para a negatividade), a diferença de 2019 para 2023 (Gráfico II), relacionada à expressiva redução da incidência de “dificuldade ou complicada”, nos faz pensar que as pessoas passaram a enxergar a EAD sem a resistência inicial do olhar para o desconhecido. Uma vez que tornou-se mais utilizada a partir da pandemia, ainda que confundida com ensino remoto, podemos inferir que a familiaridade gerou a sensação de ser a educação a distância menos difícil e complicada.

A citação da expressão “mais fácil” apresentou redução de 2019 para 2023 e podemos entender que recaem sobre este fato duas interpretações semânticas possíveis: (1) sentido único de ser descomplicada e (2) mais fácil carregando também uma carga de preconceito por falta de rigor no ensino. Nesta última interpretação de que a expressão carrega tom preconceituoso, uma queda dessa suposta discriminação teria sido verificada pós-pandemia em 2023.

A associação da educação a distância com a representação da “preguiça” e “incapacidade” foi um dado que se manteve praticamente inalterado em 2019 e 2023. Ao descreditar aqueles que optam pela modalidade, o aparecimento desta palavra na pesquisa, acaba desqualificando a própria EAD por associação desta a quem não se interessa por estudar. O volume de menções às demais palavras e expressões mais citadas pelos pesquisados na pergunta dirigida ao alter, conforme consta no Gráfico II, apresentou quase nenhuma variação entre 2019 e 2023; fato que também reflete os meandros das argumentações até aqui a respeito de suas negatividade. São elas: “enganação”, “desinteresse ou desmotivador”, “preconceito”, “medo”, “antissocial”, “desorganizado”, “duvidoso”, “desconhecido”, “desistência”, “barata” e “falta de opção”.

5.2.3 Representações sociais negativas a partir do ego

Após nos concentrarmos nas representações negativas sobre a educação a distância surgidas nas perguntas dirigidas ao alter, vamos analisar agora aquelas evidenciadas a partir das indagações ao ego de acordo com o Quadro I. Como vimos, os resultados de percepções negativas à EAD, originados a partir do ego, são pouco expressivos na pesquisa (representados por 17 participantes de 1.000); mas valem considerações. As citações de “sozinho”, em 2019, por exemplo, e “falta de contato físico” e “triste”, em 2023, sugerem uma conexão entre si por remeter à pouca interação entre colegas e professores pela qual se caracteriza a EAD. Em acréscimo, é interessante observar que este ponto remete a uma tristeza mencionada, própria da situação de pandemia que pode ter

acompanhado o imaginário das pessoas sobre a modalidade, aparecendo nos resultados de 2023. Naquele contexto, muitas pessoas podem ter acentuado o sentimento de tristeza por ter que estudar sem encontros presenciais e por associar a modalidade ao isolamento social que se fez necessário. Igualmente ligada aos problemas da pandemia, parecem ter sido as menções a “preocupado, cansado, estressado e ansiedade”.

Em 2019, as citações de “dúvidas, poucos recursos e baixo desenvolvimento no aprendizado” suscitam críticas à qualidade da educação a distância, assim como outras de 2023 como “estático, será que funciona?, como são feitas as avaliações? professores dedicados? e monótono”. Esta última palavra, juntamente com “desintegração”, também citada, parecem apontar para certa dificuldade de se engajar o aluno na modalidade a distância. O eficiente funcionamento dos fóruns de discussão – ambientes virtuais onde se processam as interações entre discentes e docentes na EAD – representam um dos grandes desafios da modalidade, pois em geral são mal aproveitados em seus potenciais para atratividade, engajamento e coconstrução do conhecimento propiciados pelas trocas (PROBA, 2020). A interação em redes digitais é fundamental, pois a falta de contato físico na educação a distância não pode impedir o estabelecimento de laços afetivos originados nas interações sociais, considera a autora (2020), com benefícios ao fortalecimento da atenção, do senso crítico, da capacidade de argumentar e estruturar raciocínios, favorecidos pela comunicação assíncrona e pela linguagem escrita própria destes espaços (CAMPOS, 2004).

6. Considerações finais

No centenário da educação a distância no Brasil, no ano de 2023, a referida modalidade de ensino foi campo de atuação para esta pesquisa cujos resultados trazem contribuição à Psicossociologia pela importância de não se negligenciar o olhar do outro quando se trata do olhar a nós mesmos. Os conceitos de formação das Ágoras (VIANA, 2020) e de como estas se sustentam trazem à ciência ferramenta de captação e análise de processos psicossociais que, neste estudo, se referem às origens da discriminação à EAD no Brasil.

Curioso foi observar resultados tão distintos a partir das perguntas dirigidas ao ego (eu) e ao alter (outro). A construção do preconceito ao ensino a distância, ao longo de cem anos, com suas possíveis razões representadas pelas camadas social, cultural e econômica do país, se revelou com mais intensidade no pensamento das pessoas em situação de tentativa de julgamento pelo olhar do

outro, em comparação ao julgamento pelo olhar de si próprio somente. Interessante foi observar, portanto, que a aparente discriminação enraizada se manifesta com ênfase na esfera coletiva frente à individual.

Este artigo constata fatos e reflete sobre realidades calcadas na história e nas influências socioculturais, essenciais para um olhar ao futuro, tendo como aliados o trabalho sério dos profissionais de EAD, as tecnologias educacionais e uma regulação interessada em alavancar a modalidade a patamares de excelência, em favor de percepções positivas sobre o ensino a distância e deixando que o preconceito fique apenas no passado.

As representações sociais negativas que resultaram da nossa pesquisa, delimitadas antes e depois da pandemia do coronavírus, podem contribuir para outros estudos e novas perspectivas a partir das dificuldades pelas quais passou a modalidade de ensino nestes cem anos de solidão, assim como a Macondo de García Márquez, ambas comparativamente isoladas. Oscilante entre a aspiração de democratizar a educação e a exploração inadequada de seus atributos, a EAD – apesar de muitas conquistas – parece que precisará trilhar ainda caminho longo até efetiva consolidação refletida em reconhecimento. Torcemos apenas para que o alcance deste dia não demore os próximos cem anos!

6. Biodados e contatos dos autores




VIANA, L. G. é doutor em Psicossociologia e Ecologia Social pela UFRJ, com período sanduíche na Universitat Autònoma Barcelona, Espanha. Mestre em Gestão pela UFF e graduado em Desenho Industrial. Atua como pesquisador no NITE (Núcleo de Inovação, Tecnologia e Educação) da Fundação Cecierj, onde coordena o grupo de pesquisa GITE sobre “Inovação e interação sociotecnológica e psicossocial: Aplicações de Computação Social, Experiência Avançada do Usuário (UX/CX), Inteligência Artificial para Educação, Divulgação da Ciência e Comunicação Digital”. Seus interesses de pesquisa incluem UX (experiência do usuário), CX, interação e percepção humana, Psicologia Social, Representações Sociais, bolhas ideológicas, metodologias para estudo de populações, ecologia social, mídias sociais, computação social, comunicação digital, educação e tecnologias.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5568-664X>

E-mail: lviana@cecierj.edu.br

	<p>CAMPOS, M. N. é livre docente em Comunicação, doutor em Psicologia Social, mestre em Comunicação e graduado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo. Professor honorário da Université de Montréal no Canadá, atua como professor-pesquisador na Escola de Comunicação e no Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalhou como professor do ensino fundamental à pós-graduação e atuou como jornalista de rádio e televisão em instituições nacionais e internacionais como a British Broadcasting Corporation (BBC).</p> <p>ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3051-3985 Email: milton.campos@eco.ufrj.br</p>
	<p>ÁLVAREZ, I.M. é doutora em Psicologia. Professora do Departamento de Psicologia Básica, Evolutiva e Educacional da Universitat Autònoma Barcelona (UAB), Espanha. Seus interesses de pesquisa estão relacionados aos aspectos culturais da aprendizagem e do desenvolvimento psicológico. Está envolvida em diversos projetos de educação pela arte e realizou no Brasil, em parceria com a UFRJ e a Fundação Cecierj, o curso de Educação de Serviço para Grupos Vulneráveis, além de palestras e eventos.</p> <p>ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3250-3214 Email: ibismarlene.alvarez@uab.cat</p>
	<p>PROBA, F. é doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com Doutorado sanduíche na Università Degli Studi di Bergamo, Itália. Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; pós-graduada <i>latu sensu</i> em Comunicação Empresarial pela Universidade Cândido Mendes; graduada em Comunicação Social, nas habilitações Jornalismo e, também, Publicidade e Propaganda pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso. Pesquisadora de tecnologia e inovação na área educacional e de interações em rede, com foco na psicossociologia da comunicação e das emoções, especialmente na educação digital com o uso de jogos. É fundadora da startup Affect Comunicações Digitais.</p> <p>ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0988-1233 E-mail: fabiproba@gmail.com</p>

	<p>LO BIANCO, V. é doutor em Educação pelo ProPEd/UERJ, com Pós-Doutoramento em Educação na UFRRJ. É Mestre em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pelo Instituto de Economia da UFRJ, especialista em Políticas Públicas (UFRJ) e em Gênero e Sexualidade (Instituto de Medicina Social/UERJ) e Bacharel em Relações Internacionais pela Puc-Rio. É servidor público estadual, Analista de Ensino a Distância e Divulgação Científica na Fundação CECIERJ e pesquisador líder do Grupo de Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Educação (GITE) da Fundação Cecierj. É associado dos grupos de pesquisa Cibercultura, Educação e Narrativas Audiovisuais - Cena (UERJ) e Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC - Rural). É advogado, com formação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua nas áreas: Educação, Cibercultura, Educação a Distância, Ambientes Virtuais de Ensino-Aprendizagem, Políticas Públicas, Globalização e Análise comparada.</p> <p>ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0083-303X Email: vlobianco@cecierj.edu.br</p>
---	---

Referências

- ALENCAR, F. R.; BARROS, V. DA S. Ensino Remoto Emergencial e Reforma Neoliberal da Educação Brasileira: Tecendo Relações. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, p. 1–12, 2021.
- BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.
- BIELSCHOWSKY, C. E. **Qualidade na Educação Superior a Distância no Brasil: Onde Estamos, para Onde Vamos?** **EaD em FOCO**, v. 8, n. 1, p. 1–26, 2018.
- BRAUER, M. **Resistência à educação a distância na educação corporativa** Tese (Doutorado em Administração de Empresas). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2008.
- CAMPOS, M. N. **L'intégration des forums de discussion dans l'enseignement supérieur**. 1. ed. Montreal, Quebec: Centre d'études et de formation en enseignement supérieur, 2004.
- CAMPOS, M. N. **Navegar é preciso, comunicar Impreciso**. São Paulo: Edusp, 2017.

CAMPOS, M. N.; GRABOVSKI, C. Argumentação e design: Cognição , afetividade e moralidade em comunidades universitárias de aprendizagem. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 08, n. 17, p. 1–27, 2011.

GOMES, M. B. **Resistência à Educação a Distância na Educação Corporativa**. Tese de Doutorado—São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2008.

GRABOVSKI, C.; CAMPOS, M. Grabovski Lógica , Linguagem e representação. p. 1–23, 2019.

GRIZE, J.-B. **Logique naturelle et communication**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

MARKOVÁ, I. **Dialogicality and Social Representations: The Dynamics of Mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 358–375, mar. 2017.

MÁRQUEZ, G. **100 anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

MOORE, M. **Educação a Distância uma versão Integrada**. São Paulo: Editora Tompson, 2007.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **A educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Le, 2010.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais - Investigações em psicologia social**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

NOLASCO-SILVA, L.; LO BIANCO, V. **Os isolados e os aglomerados da Cibercultura: ensino remoto emergencial, educação a distância e educação online**. Salvador: Devires, 2022.

PROBA, F. **Afetividade na educação superior a distância: competição e colaboração em fóruns por meio de jogos educacionais**. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. (Org) **Pesquisa educacional: quantidade – qualidade**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SILVA, A. **Estudo comparativo entre a metodologia do ensino a distância no âmbito do Consórcio CEDERJ e a presencial com enfoque nas disciplinas de contabilidade dos cursos de Administração da UFRJ**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

SPINK, M. J. P. **Representações sociais: questionando o estado da arte**. Rio de Janeiro: Psicologia & Sociedade, 1996.

VIANA, L. G. **Determinantes da resistência à educação a distância (EAD): Uma pesquisa com alunos do Curso de Administração da UFF**. Dissertação (Mestrado em Sistema de Gestão), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011.

VIANA, L. G. **Ágora: um novo olhar sobre representações sociais no contexto de preconceitos contra a educação à distância**. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

PRÉLITO